

Benjamim Moreira
E.S. Santa Maria Maior

Um problema na construção da Negação: o espaço fronteira.

Utilizando alguns conceitos topológicos, proponho-me, no quadro da teoria dos domínios nocionais, dar conta de alguns valores referenciais construídos num espaço de ponderação. Nesse espaço poderemos situar algumas representações cognitivas com valor negativo mas com orientação positiva e representações positivas com orientação negativa.

Abordarei de forma sumária alguns marcadores dessas operações de atracção ou de resistência relativas às representações positivas ou negativas cujo contraste está bem ancorado na consciência do homem.

Este breve trabalho pretende explicar alguns modos de funcionamento de marcadores aspectuais e modais como **quase, até, ainda, só, apenas, mal**. Não pretendemos (nem podíamos pretender) apresentar aqui toda a diversidade de empregos e de valores desses marcadores gramaticais, antes nos propomos construir uma certa problemática.

Destaquemos, desde já, dois exemplos relativos às nossas representações do mundo e da vida. O primeiro é uma frase de um belo texto do professor Fernando Belo, significativamente intitulado "Elogio da palavra" e publicado em 1983 na revista *Palavras* da Associação de Professores de Português: **"O quasi material e o quasi imaterial casam-se assim e há mundo e há gente e há vida e há morte. Há o que há"**. O segundo, de alcance mais efémero "Já uma proteína como a que aparentemente causa a "doença das vacas loucas" está algures na **fronteira entre a vida e a não-vida**. Exactamente de que lado, é complicado dizer" (*Expresso, Revista*) remete também para a problemática cada vez mais actual (vejamos as mais recentes teorias matemáticas e físicas) da relatividade da verdade, do absoluto, do definitivo, da ordem e do caos.

As modulações na fronteira como nos dois exemplos dados parecem perturbar o nosso espírito lógico. Que espaço poderemos então reservar para o intervalo de permanência dos dois "quase" ou "da vida e não-vida"?

Comecemos por definir alguns pontos teóricos.

Procuraremos abstratamente construir o espaço topológico fronteira enquanto pertencente ao Interior, ao Exterior, nem a um nem a outro ou aos dois. A fronteira é construída em cada situação de enunciação e depende de um jogo complexo entre as nossas representações cognitivas, as noções¹, as representações linguísticas dessas representações, a situação de enunciação e o ajustamento inter-sujeitos. Vejamos um exemplo.

As dificuldades reveladas por um locutor na procura de uma definição da problemática doença, ou suas causas, perante um leitor anónimo mostram que "a actividade da linguagem não consiste em veicular sentido, mas em produzir e reconhecer formas enquanto marcas de operações de representação, referenciação e regulação" (Culioli [1988] 1990:26). E, como a significação não é veiculada mas (re)construída, a relação entre produção e reconhecimento supõe a capacidade de "ajustamento" entre os sujeitos (Culioli: *Ibidem*).

A linguagem enquanto sistema fundador das nossas representações institui um movimento para algo que abstratamente vai centrar os conhecimentos para os ordenar, quer dizer, arrumá-los sob uma etiqueta, sob um "tipo" (cf. Vignaux 1988:122). Culioli considera a organização do domínio² como um movimento para o "centro organizador", definido como "tipo", ou seja, o predicado por excelência e que corresponderá ao arquétipo platónico, à nossa propensão para enviar os nossos conhecimentos para algo de "primeiro", de "essencial", de inatingível mas para onde seria necessário sempre aproximar. O centro organizador funciona essencialmente como regulador (cf. Blés 1991: 185).

Um domínio nocional é um domínio de ocorrências de uma noção. Uma ocorrência reenvia a um acontecimento enunciativo que opera sobre a noção dois tipos de delimitação que se articulam de forma variável: a

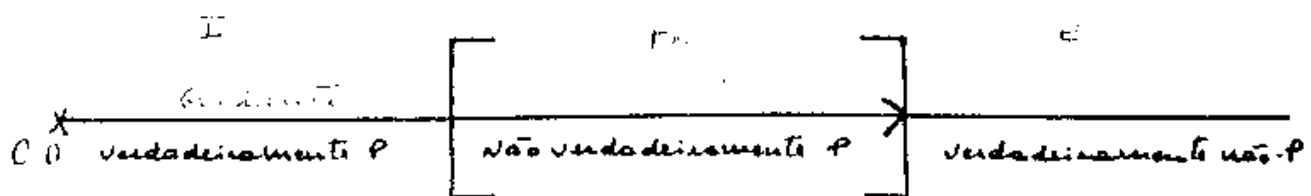
¹ As **noções** correspondem, na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (cf. nomeadamente A. Culioli 1982, 1989, 1990), a "sistemas complexos de representações constituídos a partir de feixes de propriedades físico-culturais". Uma noção é apreendida através das ocorrências linguísticas dessa noção construídas na e pela enunciação.

² Um domínio nocional é um domínio de ocorrências de uma noção (*idem, ibidem*). O recurso ao domínio nocional permite perspectivar a noção predicativa p no ângulo da sua variabilidade. A delimitação de p implica ter em conta o que é "não p" (o complementar linguístico de p). Cf. Culioli 1981.

delimitação (situacional) **QNT** (quantitativa) permite distinguir ocorrências situacionais da noção (**heterogeneidade**) e a **delimitação** (qualitativa) **QLT**, associada à estruturação nocional de uma noção, pondo em jogo relações de complementaridade nocional fundada sobre uma operação de diferenciação qualitativa (**alteridade** qualitativa).

As operações de diferenciação e de identificação estruturam um domínio nocional em zonas. A zona de Identificação (I) correspondente ao Interior do domínio, munida de um atrator e de um centro organizador (C.O.), correspondente ao valor tipo, contém, quaisquer que sejam as alterações, todas as ocorrências identificáveis quanto à propriedade $\langle () p \rangle$ definidora da noção /P/. Obtemos, por construção, o Fechado da zona de identificação. Construindo o Fechado que contém todas as ocorrências, desde a primeira (imaginária), que manifestam uma alteração, mesmo que seja ínfima, da propriedade constitutiva do domínio, obtemos o Fechado da zona de diferenciação. De um lado situa-se a Fronteira e do outro o Exterior que é vazio de propriedade constitutiva, por alteridade radical ou por inexistência (Culioli 1990:98). Acabámos de constituir o domínio de validação.

Diagrama 1



Ao construir uma "fronteira", quer dizer, uma ocorrência simultânea da propriedade $\langle () p \rangle$ e da propriedade alterada, que faz com que já não seja totalmente p, que não tem a propriedade p, mas que não é totalmente exterior (Culioli 1990:88), a fronteira pode ser um limiar ou uma **zona de alteração**, de transformação, que tem a plasticidade do domínio nocional.

Representando um domínio de validação (domínio nocional) de uma ocorrência nocional, situam-se no interior as ocorrências positivas que se identificam ou diferenciam da propriedade constitutiva; na fronteira situam-se as ocorrências que sofrem alterações quanto à propriedade sobre a qual

se predica; no exterior (à direita) situam-se as ocorrências que romperam com a propriedade constitutiva. As operações na fronteira podem ter duas orientações: do interior para o exterior (diagrama II); do exterior para o interior (diagrama III).

Nos diagramas II e III, os círculos correspondem à zona construída, as circunferências correspondem à zona visada e a seta à orientação.

DIAGRAMA II

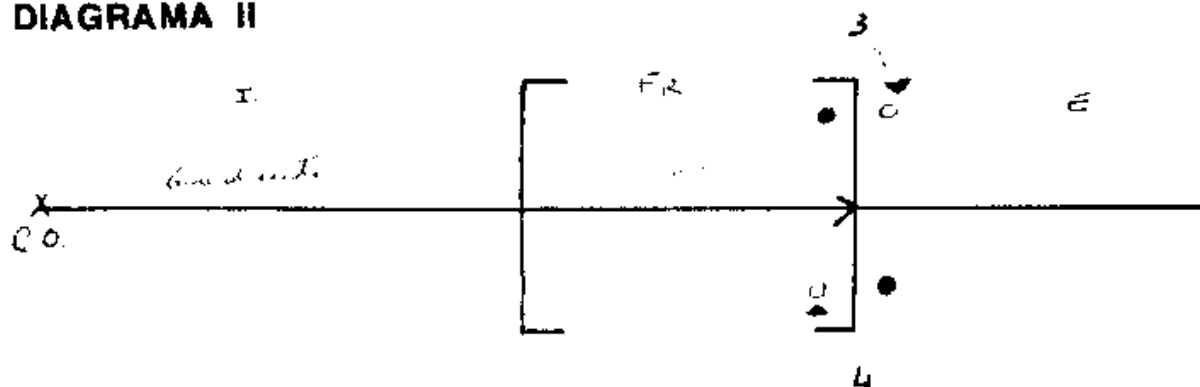
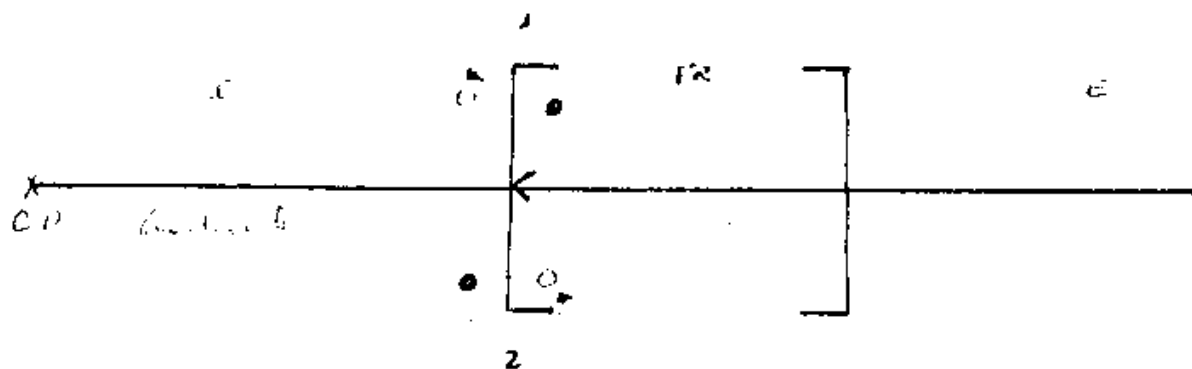


DIAGRAMA III



Podemos, no espaço topológico de um domínio nocional, perspectivado de uma posição desprendida a que Culioli chama IE (Culioli 1987:12;1990:98), representar os valores de alguns marcadores com orientação negativa ou positiva. É somente de orientação que aqui se trata; os marcadores apresentados não são sempre inter-substituíveis sobretudo se operarmos com as categorias tempo e aspecto. Representa-se a negro carregado a zona construída.

1. *quase, ainda não* : IE \rightarrow I

2. *já* : IE \rightarrow I; (*até*)

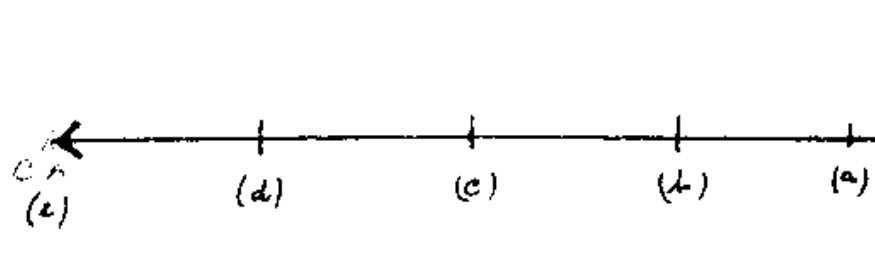
3. *quase não, mal, ainda* : I \rightarrow E ; (*apenas, só*)

4. *já não* : I \rightarrow E

Dada a relação predicativa < () ser pintor>, o interior do domínio nocional pode ser estruturado com ocorrências diferentemente quantificadas-qualificadas colocadas sobre o gradiente associado ao centro atractor. Sobre o gradiente e a partir da fronteira situam-se as ocorrências que gradualmente se aproximam do centro e quando o atingem identificam-se com a própria definição intensional da noção. Vejamos, por exemplo: (a) "a Inês é pintora", (b) "a Inês não é uma verdadeira pintora", (c) "a Inês é *quase* uma verdadeira pintora", (d) "a Inês é uma verdadeira pintora". Apresentar aqui o valor "alto grau" implicava afastarmo-nos daquilo que interessa neste momento, mas poderia equivaler a (e) "a Inês é a pintora" (operação de percurso de todas as ocorrências da noção).

O Interior do domínio poderia ficar assim estruturado:

DIAGRAMA IV



No enunciado (a) a ocorrência é positiva e como tal pertence ao Interior. Referimo-nos à propriedade P "ser pintor" mencionando-a simplesmente. O Interior não está estruturado. O exterior é vazio porque não há construção do complementar P'. Nos enunciados (b), (c) e (d) as ocorrências no Interior estruturado reenviam ao atractor que fornece o valor máximo. Em (b) e (c) a ocorrência situa-se numa zona não identificada, mas em (c) há uma orientação explícita para o Centro a que corresponderia (d).

Voltemos ao diagrama III. Vejamos uma primeira ocorrência positiva possível: "Está bem, podemos aceitar que a Inês já é pintora (mas a Sara ainda não)". O marcador "positivo" já (posição 2 do diagrama III) comporta

uma operação de negação ³. O enunciado "a Inês já é pintora" equivale a "a Inês já não está no estado de ainda não ser pintora". Seria interessante observar também os valores do marcador "até" reforçando a presença do co-enunciador para a validação da relação predicativa, impedindo em termos dialógicos uma eventual contestação passada ou futura. O valor positivo de "até" remeteria para uma operação de negação real ou fictícia.

Já vimos que qualquer ocorrência extensional situada no interior do domínio tende a aproximar-se do Centro. É a referência ao Centro que garante a estabilidade das ocorrências pertencentes ao Interior. Mas se introduzirmos uma orientação para o Exterior, através de um marcador que transforme a orientação para o Centro numa orientação inversa (para o Exterior), construímos a Fronteira (cf. Culioli 1992:11). Na posição 3 do diagrama II podemos encontrar alguns marcadores dessa operação, por exemplo, *quase não, mal, ainda; apenas, só*.

Têm todos uma orientação negativa e por isso estão colocados na mesma posição (3). No entanto os marcadores *quase não, mal, ainda*, colocam-se numa escala graduável, e *apenas* e *só* têm um valor restritivo evidente, há a selecção de uma única ocorrência procedendo-se à expulsão para o exterior (ocorrências negativas) de todas as ocorrências efectivas ou virtuais. Relembremos que "nem sequer", perfeito oposto de "só" e de "apenas" marca uma alteridade forte.

À orientação negativa dos marcadores da posição 3 opõe-se a orientação positiva do marcador da posição 2 *até*, como se pode ver nos enunciados: "a Rita apenas (quase não, mal, só) sabe tocar violino", "A Rita até sabe tocar violino". Não entra nesta correlação o marcador "ainda". Veja-se, por outro lado que "até" é o perfeito correlativo fechado de "quase" que é aberto.

³ O termo 'marcador' é na teoria formal enunciativa entendido como 'marcador de operação' (cf. Culioli 1990:129, entre outros) ou eventualmente de 'polioperação' (Culioli 1990:115-6) e constitui um verdadeiro operador que funciona como sinal para efectuar em reconhecimento operações realizadas em produção. Como a linguagem conserva a marca das operações que a constituem é possível reconstruir em reconhecimento as operações realizadas em produção por um enunciador. A noção de marcador é profícua porque permite reconstruir a relação entre as representações (mentais) e um texto (enquanto agenciamento de marcadores) e conserva a história de um estado. Retomando uma questão colocada por A. Culioli em 1987 podemos perguntar se, reconstruindo as operações em jogo, é possível dar conta da complexidade semântica desses marcadores (Culioli [1987] 1990:115).

Vejam os agora a posição¹ do diagrama III e, resumidamente, as operações e os marcadores que lhe estão associados.

O marcador "quase":

- 1) Indica que a validação das ocorrências **permanece** na ordem do fim a atingir. Trata-se do valor 'conativo' O mesmo acontece com os verbos "esforçar-se", "tentar", "procurar" que correspondem à lexicalização do valor de 'conação' (cf. Franckel 1989:71). Não se atinge um valor estabilizado e centrado correspondente ao Interior não construído, apenas virtual onde se localizariam as ocorrências positivas.
- 2) A sua orientação para o interior mantém-se sob a forma de diferencial crescente dada a resistência representada pela propriedade predicável.
- 3) Esta ligação a I pode ser apenas visada subjectivamente (pela Instância Subjectiva de Construção do Processo: ISCP) adquirindo um valor modal ("eu quase diria que não consegues resolver este problema") ou aspectual ("a Teresa está quase a chegar").

Num cálculo das operações subjacentes à construção do enunciado (1) estes olhos são quase azuis, podemos afirmar ⁴ que as ocorrências da noção são ficticiamente construídas a partir de uma posição destacada IE, fora do domínio (nem no exterior E nem no interior I). As ocorrências que validam a relação predicativa situam-se no exterior do domínio: o enunciador "ponderou" a selecção de uma das duas zonas (teve em mira fictícia um ponto de chegada no interior I) mas, não existindo aí um sítio para ancorar por não haver compatibilidade absoluta com a definição Intensional do predicado /ser azul/, também não seleccionou o exterior E, construindo a fronteira como espaço. A partícula *quase* é o marcador dessa *ponderação*. "Quase p", aproxima-se do valor nocional de "ainda não p" já situado na fronteira com espessura e não é ainda "já p" por se ter constituído, entretanto, a fronteira. Ao atribuir uma orientação marcadamente positiva, o enunciador-locutor minimiza deste modo o valor construído negativo do enunciado.

⁴ Ver o conceito de IE em Culioli 1987, 1989 e Franckel & Lebaud 1990.

Ver também a importância da introdução do conceito de "site", da procura de um ponto de ancoragem. "toute énonciation vise à (re)construire de bonnes formes, c'est-à-dire, des occurrences munies d'un site, afin d'obtenir des formes stabilisées" (Culioli 1987: 10-12).

Representemos simbolicamente um percurso nocional-modal com propriedades topológicas (cf. Lopes 1971:229):

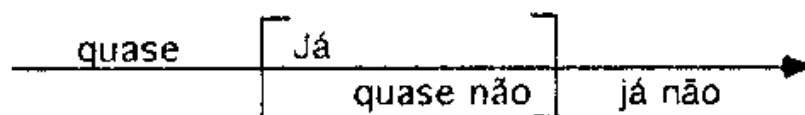
1- exterior—> interior: *quase* (fronteira a construir) < *quase quase* (construção de fronteira com espessura) < *ainda não* (fronteira construída)--- I < *já* (passagem da fronteira- interior, .. construção do gradiente) ;

Inversamente, teríamos:

2- Interior—> exterior: *quase não* (fronteira a construir) < *ainda* (fronteira construída) - - - I < *já não* (passagem da fronteira - exterior- complementar linguístico).

Trabalhemos, agora, com dois espaços topológicos: o derivado da **noção** e o do **domínio dos instantes** (t), sobre o qual construímos a classe de ocorrências dos instantes. Mostraremos, assim, que na construção reconstrução do valor aspectual de um enunciado interagem a natureza da relação predicativa, o valor nocional-modal de "quase" e o tempo gramatical .

Salvaguardados os diferentes valores nocionais e modais, podemos admitir, como faz Óscar Lopes (Lopes 1971: 229) para os adverbiais *ainda* e *ainda não*, que os adverbiais *quase* e *quase não* marcam a imperfectividade do modo de processo por oposição a *já* e a *já não* , respectivamente, que têm um valor perfectivo. Ou, dito de outro modo, existem propriedades topológicas de intervalo aberto ou fechado. Utilizando o esquema proposto (Lopes, ibidem) com algumas alterações e introduzindo os marcadores "quase" e "quase não" nas posições ocupadas respectivamente por "ainda não" e "ainda", teríamos:



a que, muito sumariamente, corresponderiam os enunciados *é quase pintora, já é pintora, quase não é pintora, já não é pintora*.

Trabalhando, agora, sobre o domínio dos instantes, temos de ter em conta o valor aspectual do predicado (Dowty 1979). O exemplo que apresentamos dá-nos conta de valores introduzidos pelo marcador "quase" apenas em situações de 'eventos instantâneos' (idem).

(eu digo:) (1) a Rita quase comprou o livro

O enunciado (1) suscita alguns reparos. Dada a noção predicativa /comprar/, que tem propriedades de insecável, "transitório"⁵, estamos perante uma dificuldade de compatibilização aspectual entre um marcador adverbial de imperfectividade (durativo) quase e um verbo de perfectividade (não-durativo) comprar. A construção do valor aspectual-temporal-nocional de quase comprou contraria, assim, a tendência natural do verbo "comprar" (podemo-nos preparar para comprar, tentar comprar, mas uma vez que o livro foi comprado há a mudança de estado (realizada num intervalo pontual). A noção (p, p') representando /comprar/, cuja propriedade distintiva é a presença da fronteira (cf. o trabalho feito por Culioli sobre "franchir" in Culioli 1978: 192) e o valor perfectivo do pretérito perfeito simples, conjuntamente, provocariam a construção do estado resultante da realização desse evento: uma mudança do estado 'não estar comprado' para 'estar comprado'. Ora, ao introduzir o marcador quase, que tem um valor aspectual imperfectivo, estamos a inviabilizar a passagem ao estado resultante, ou seja, nesta situação enunciativa, quase é o termo localizador da relação predicativa situando-a no exterior e simultaneamente localizador num intervalo de instantes T2 correspondente ao estado de "não estar comprado". Digamos que "a Rita esteve a pontos de perder a cabeça gastando o ordenado mensal naquele livro. Finalmente predominou o seu bom senso e entrou numa mercearia". (...) quase morreu de susto, (...) quase que chegou a tempo são, metalinguisticamente, semelhantes a (1) : a relação predicativa é localizada no exterior do domínio nocional porque o advérbio modifica intensionalmente o predicado.

⁵ Pollak opõe os verbos "transitórios", cujo modo de processo implica a passagem de um limiar semântico, aos "não transitórios" que remetem para processos que, em si mesmos, são independentes da ideia de limite, isto é, que podem, teoricamente, ser prolongados indefinidamente (Campos, 1984a).

Dado o predicado insecável, transitório < () comprar livro >, podem levantar-se algumas dúvidas sobre a aceitabilidade deste enunciado. De facto, como já dissemos, o acto de comprar é sempre instantâneo: o intervalo que corresponde ao " corte " entre o estado de 'ainda não estar comprado' e 'já estar comprado' é pontual. A sua definição inclui um limiar semântico. Representa uma situação que é um evento instantâneo. No entanto, se acrescentarmos uma determinação suplementar: "a Rita quase comprou o último livro do Saramago" ou introduzirmos a partícula 'que', que frequentemente acompanha o 'quase': "a Rita quase que comprou o livro", parecem menos justificáveis as dúvidas sobre a sua significação construída na enunciação.

Por outro lado, se eu manipular o tempo verbal do enunciado (1) a Rita quase que comprou o livro substituindo o pretérito perfeito simples pelo imperfeito do indicativo: (1a) a Rita quase (que) comprava o livro, estaremos perante um enunciado que não suscita qualquer reserva sobre a sua formação e aceitabilidade. Neste caso o imperfeito pode ser representado por uma diferenciação entre T3 e T1, 'presente translato' (Desciés 1980: 224-5, 235). Notemos que a frase a Rita comprava o livro carece de marcadores de localização; 'quase' localiza-a num intervalo anterior ao momento da enunciação que pode ser fictício.

Operemos sobre a quantificação-qualificação do predicado < () comprar livro >. Se eu disser: (1b) a Rita quase comprou (comprava) os livros, mantém-se a interpretação: 'estive à beira de comprar mas, de facto, acabou por não comprar nenhum livro'. O mesmo não acontece se se introduzir uma determinação suplementar que estabiliza a propriedade sobre que se predica: (1c) a Rita quase comprou (comprava) os livros todos. A partícula aspectual 'quase' incidindo sobre o valor nocional do predicado < () comprar os livros todos > e sobre a quantificação "os livros todos" torna ambíguo o enunciado que todavia dificilmente pode continuar a significar que a Rita acabou por não comprar nenhum livro, ou então comprou bastantes livros não tendo, no entanto, esgotado os stocks da livraria ou, em contexto definido, faltando-lhe comprar um ou outro da colecção x. É esta a significação mais plausível. É mais visível se o ponto de incidência de 'quase' for, como no enunciado seguinte, sobre o

indefinido "todos": (1c) a Rita comprou os livros quase todos. Há, agora, uma procura da estabilização da propriedade sobre que se predica, sobre um pré-construído que dá conta da quantificação do argumento indefinido, o objecto directo (livros todos: cujas ocorrências não definidas se localizam no interior do domínio nocional). Na construção do valor referencial deste enunciado há 'percurso' das ocorrências da classe. Mesmo nos casos ⁶ em que o marcador quase não permite a construção do interior há uma positividade expectante.

As reservas levantadas por sujeitos falantes do português sobre a enunciabilidade de (1) a Rita quase comprou o livro mantêm-se (e crescem, talvez) em relação a (2) ?o Luis quase não comprou o livro quando estes enunciáveis não estão inseridos numa situação enunciativa mais complexa com interdependências proposicionais. Parece oferecer maior aceitabilidade: (2a) o Luis quase não (por pouco não) comprava o livro. De facto, houve mudança de estado de 'não estar comprado' para 'estar comprado' e, atendendo à propriedade do predicável numa situação de evento instantâneo que implica a existência de um limiar semântico do predicado < () comprar > e à quantificação definida do objecto directo, não é sempre possível refazer o percurso de construção da significação. Não podemos dizer: * o pintassilgo quase (que) não morreu, * o Pedro quase não nasceu, * o carteiro quase não chegou. É claro que se introduzirmos uma determinação suplementar aumenta ligeiramente o grau de aceitabilidade porque teremos a construção do interior, como atrás foi dito, onde é validada a nova construção. Mas, como também já foi dito, a aceitabilidade só parece ser plena quando utilizado o imperfeito gramatical: 'o pintassilgo quase não morria de susto', 'o Pedro quase não nascia no dia previsto', o carteiro quase que não chegava antes de eu sair.⁷

⁶ Quase como marcador de polaridade negativa parece representar no jogo da intersubjectividade da enunciação (do enunciador e co-enunciador) uma positividade. Diremos, numa determinada situação: o João está quase a chegar, não te preocupes, e evitaremos a negatividade de o João ainda não chegou, não te preocupes que teríamos de contrariar com uma paráfrase de positividade: "o João ainda não chegou mas não te preocupes porque ele está (mesmo) quase a chegar".

⁷ Seria interessante comparar as ocorrências de quase com por pouco que habitualmente lhe está semanticamente muito próximo. Reservamos no entanto esse estudo para outra oportunidade.

O enunciado (2a) o Luis quase não comprou livros, quer dizer, comprou entre muitas outras coisas pelo menos um livro, é bem formado, havendo compatibilidade entre a relação predicativa (a noção havia sido previamente quantificada - qualificada sendo definida para o enunciador e indefinida para o co-enunciador) modificada pelo "quase".

O adverbial aspectual "quase" não coocorre com o futuro (ver Desclés 1980: 224-5, e passim), por exemplo: * "a Rita quase comprará o livro".

Procuramos concluir.

Numa situação de interlocução podemos encontrar afirmações surpreendentes. Adaptando um exemplo de Culioli (1992:17), podemos ter:

A- *Está a chover ?*

B- *Está a chover e não está a chover / Chove e não chove.*

A verdade é que podemos dizer ao mesmo tempo, sem nos contradizermos, que está a chover e que não está a chover, porque não podemos dizer que está verdadeiramente a chover (não é uma verdadeira chuva) ou que não está a chover absolutamente nada (verdadeiramente não chove). Estamos assim a construir a fronteira: <chove> já não é verdadeiramente o caso, mas ainda é o caso / <não chove> não é verdadeiramente o caso, mas ainda é o caso. Efectuámos duas operações, ou melhor, uma mas com duas orientações:

1- a partir do centro, que corresponderá ao valor estável, percorremos o gradiente que conduz de chover verdadeiramente a não chover de modo nenhum, como se ordenássemos as ocorrências da noção. Construímos o fechado dos valores possíveis e o Exterior.

2- Partindo do Exterior que nos dá o valor estável de referência (<não chove> <não chove absolutamente nada>) para o Interior (<não chove verdadeiramente>), construímos o fechado.

O enunciado *chove e não chove* é possível graças à plasticidade do domínio nocional, regulada pela interacção do discurso. A modulação <*chove e não chove*> quer dizer que *chove e não chove* são o caso em certa medida.

Algumas notas finais.

Falámos até aqui, embora muito superficialmente, de alguns factos principais.

1. Referimos algumas operações na Fronteira do exterior com valor negativo mas com orientação positiva, por exemplo "quase" (posição 1); marcadores positivos construídos sobre operações negativas, por exemplo "já" (posição 2).

2. Por outro lado demos conta de marcadores que transformam a orientação para o Centro numa orientação inversa, ou seja, para o Exterior, zona das ocorrências negativas que passam do Interior para a Fronteira (do Interior), por exemplo "quase não", "mal".

3. Representámos a Fronteira como um espaço para dar conta de alguns valores. Também a poderíamos representar como vazia ao trabalhar a disjunção.

4. Considerámos a negação como um problema complexo dada a 'labilidade' linguística, a plasticidade do domínio nocional.

5. Podemos apontar casos de propriedades e antonímia graduáveis.

Acrescentemos que a fronteira é construída como espaço quando duas relações predicativas se opõem como complementares linguísticos construídos em co-ocorrência: "O Miguel já não está triste mas ainda não está alegre" (ver Lopes 1971: 229, Campos 1989: 88).

Como poderemos, perante estes dados, conciliar a estabilidade e a plasticidade da nossa linguagem?

Todos sabemos da dificuldade em tratar a topologia da expressão dos valores aproximativos de que fala o professor Óscar Lopes (cf. Lopes 1971: 184), das tonalidades, cambiantes, matizações, flutuações, imprecisões, graduações das representações linguísticas das noções e das próprias noções numa mesma comunidade linguística.

Estamos assim a voltar ao início do nosso trabalho. Que dizer dos enunciados problemáticos: "O quasi material e o quasi imaterial casam-se assim e há mundo e há gente e há vida e há morte. Há o que há." e "Já uma proteína como a que aparentemente causa a "doença das vacas loucas"

está algures na fronteira entre a vida e a não-vida. Exactamente de que lado, é complicado dizer" que tanto perturbam os lógicos? Ao dizermos "O João nem é perfeito nem imperfeito" estamos a situá-lo num estado intermédio, na Fronteira. O locutor-enunciador não quer validar (isto é, seleccionar uma ou a outra ocorrência complementar disjunta da noção), ou não pode escolher porque ele ou o conhecimento humano (veja-se o caso do vírus) não sabe ou, sejamos optimistas, ainda não sabe validar, no fusco-fusco, entre a perfeição e a imperfeição que parece afinal ser uma característica do Homem. Também poderíamos dizer que o João é assim-assim.

Ao principiarmos com aquelas duas afirmações e ao concluirmos agora parece que não podemos deixar de pensar no espaço, no sentido topológico e corrente, da questionação humana do que ainda não se sabe: será muito, um pouco, pouco ou quase nada?

Agradeço à professora doutora Maria Henriqueta Costa Campos toda a colaboração dada. O texto e os erros a haver são no entanto da minha inteira responsabilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLÈS, M.-F. 1991 - "La négation en tant que donnée primitive et construite dans l'énonciation", *Travaux du Centre de Recherches Sémiologiques* 59 (Actes du colloque de Neuchâtel 1990), 167-193.
- CAMPOS, M.H.C. 1984a - "Pretérito perfeito simples-pretérito perfeito composto: uma oposição aspectual e temporal", *Letras soltas* 2, 11-53.
- CAMPOS, M.H.C. 1984b - "Le marqueur já: étude d'un phénomène aspectuel", *Boletim de Filologia* 29, 539-553.
- CAMPOS, M.H.C. 1989 - *Abordagem enunciativa de um subsistema do sistema modal do português: os verbos **dever** e **poder***, dissertação de doutoramento, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

- CAMPOS, M.H.C. 1990 - "Para uma distinção formal entre operações de sobremodalização e de remodalização" in *Actas do VI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa 31-41.
- CULIOLI, A. 1978 - "Valeurs aspectuelles et opérations énonciatives: l'aoristique" in David e Martin eds., 1980 *La notion d'aspect* (Colloque Metz 1978), Paris, Klincksieck, 181-193.
- CULIOLI, A. 1981 - "Sur le concept de notion", *BULAG* 8, 62-69.
- CULIOLI, A. 1982 - *Rôle des représentations métalinguistiques en syntaxe*, Université de Paris 7, D.R.L.
- CULIOLI, A. 1987 - "Formes schématiques et domaine", *BULAG* 13, 7-15.
- CULIOLI, A. 1989 - "Representation, referential processes, and regulation. Language activity as form production and recognition" in J. Montagero and A. Tryphon eds., *Langage and cognition*, Genève, Foundation Archives Jean Piaget, Cahier n° 10, 97-124.
- CULIOLI, A. 1990 - *Pour une linguistique de l'énonciation*, Paris, Ophrys.
- CULIOLI, A. 1992 - "De la complexité en linguistique", *Le gré des langues* 3, 8-22.
- DESCLÉS, J.-P. [1978] 1980 - "Construction formelle de la catégorie grammaticale de l'aspect" in David e Martin eds., 1980, *La notion d'aspect* (Colloque Metz 1978), Paris, Klincksieck, 195-237.
- DOWTY, D.R. 1979 - *Word Meaning and Montague Grammar*, Dordrecht, D. Reidel Publishing Company, Holland.
- FRANCKEL, J.-J.; D. Lebaud 1990 - *Les figures du sujet*, Paris, Ophrys.
- FRANCKEL, J.-J. 1989 - *Etude de quelques marqueurs aspectuels du français*, Genève, Droz.
- LOPES, O. 1971 - *Gramática Simbólica do Português*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- VIGNAUX, G. 1988 - *Le Discours Acteur du Monde. Énonciation, argumentation et cognition*, Paris, Ophrys.
- VOGÜE, S. de 1988 - "Référence et Prédication", in *Recherches Nouvelles sur le Langage*, collection ERA 642, D.R.L., Laboratoire de Linguistique Formelle, Université Paris 7, 108 -138.
- VOGÜE, S. de 1989 - "Discret, dense, compact: les enjeux énonciatifs d'une typologie lexicale", in *La notion de prédicat*, Collection ERA 642, Laboratoire de Linguistique Formelle, Université Paris 7, 1-36.